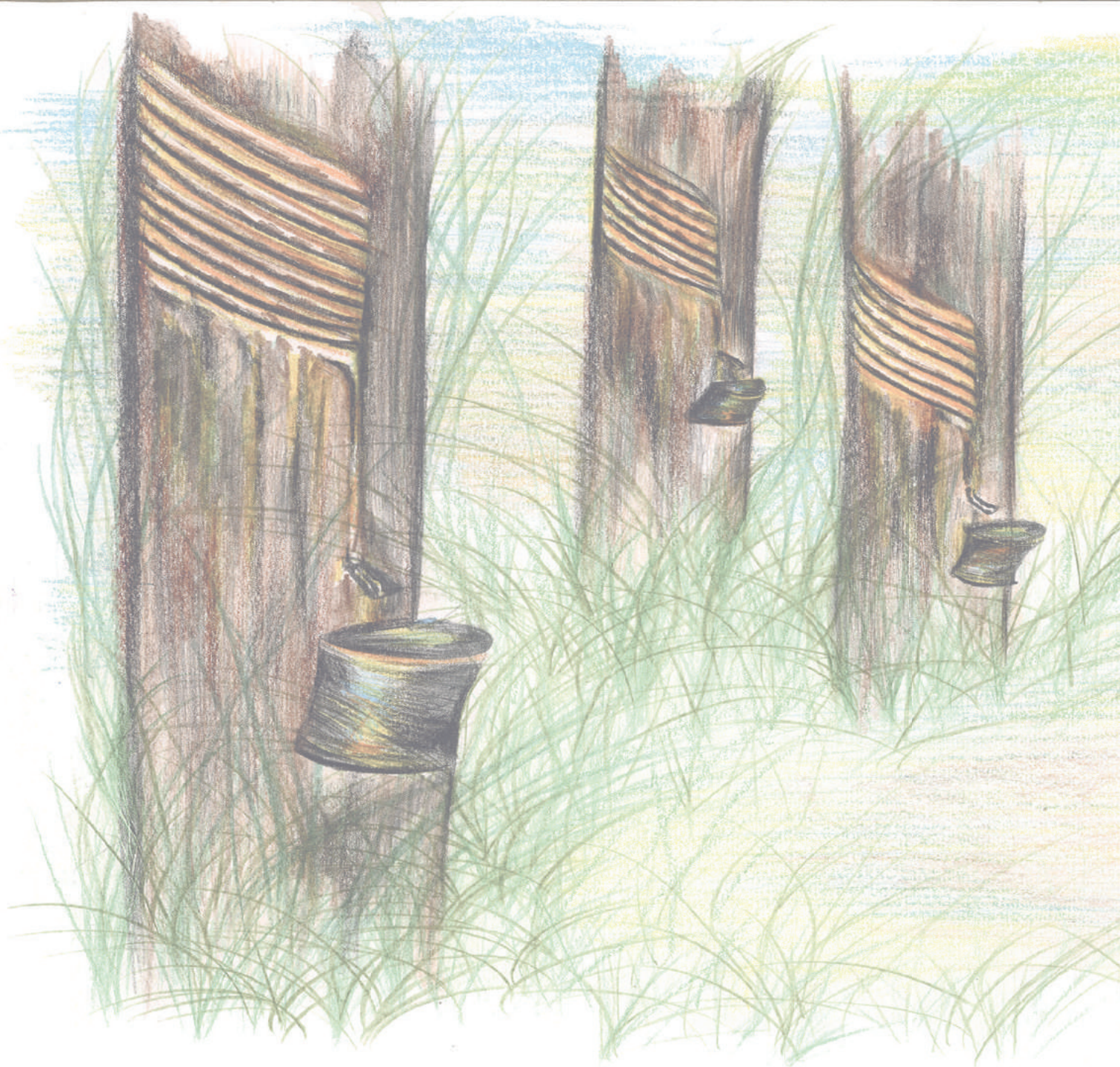




A Mãe da Seringueira e a Onça

*Eva da Silva Alves
Renato Fernandes Caetano
Auxiliadora dos Santos Pinto
José Maiko Farias Amim
Desenho/Ilustração: Bruno A. Cruz*



A Mãe da Seringueira e a Onça

*Eva da Silva Alves
Renato Fernandes Caetano
Auxiliadora dos Santos Pinto
José Maiko Farias Amim
Desenho/Ilustração: Bruno A. Cruz*

EDUCAR
Porto Velho-RO
2021

Copyright© Eva da Silva Alves, Renato Fernandes Caetano, José Maiko Farias Amim e Auxiliadora dos Santos Pinto, 2021.

Desenho/Ilustração: Bruno A. Cruz

Projeto gráfico: Leila Mara de Souza Lima

Revisão: Bethânia Moreira da Silva

EDUCAR – Editora Universitária Católica de Rondônia

Endereço Rua Gonçalves Dias, 290 - Centro - CEP: 76801-132, Porto Velho – RO – Brasil. Telefone: (69) 3211-4505. E-mail: educar@fcr.edu.br

Bibliotecária responsável: Julia Cristina A. Meinhardt Queiroz - CRB11ª 1027

M184

A mãe da seringueira e a onça. -- 1. ed.-- Porto Velho - RO: EDUCAR, 2021.

36 p.

ISBN obra física: 978-65-86431-04-9.

ISBN e-book: 978-65-86431-05-6.

Disponível em: <http://fcr.edu.br/editoracatolica/ebooks/>

1. Contos amazônicos. I. ALVES, Eva da Silva. II. CAETANO, Renato Fernandes. III. AMIM, José Maiko Farias. IIII. PINTO, Auxiliadora dos Santos. V. CRUZ, Bruno A.. VI. Título.

CDD: 800

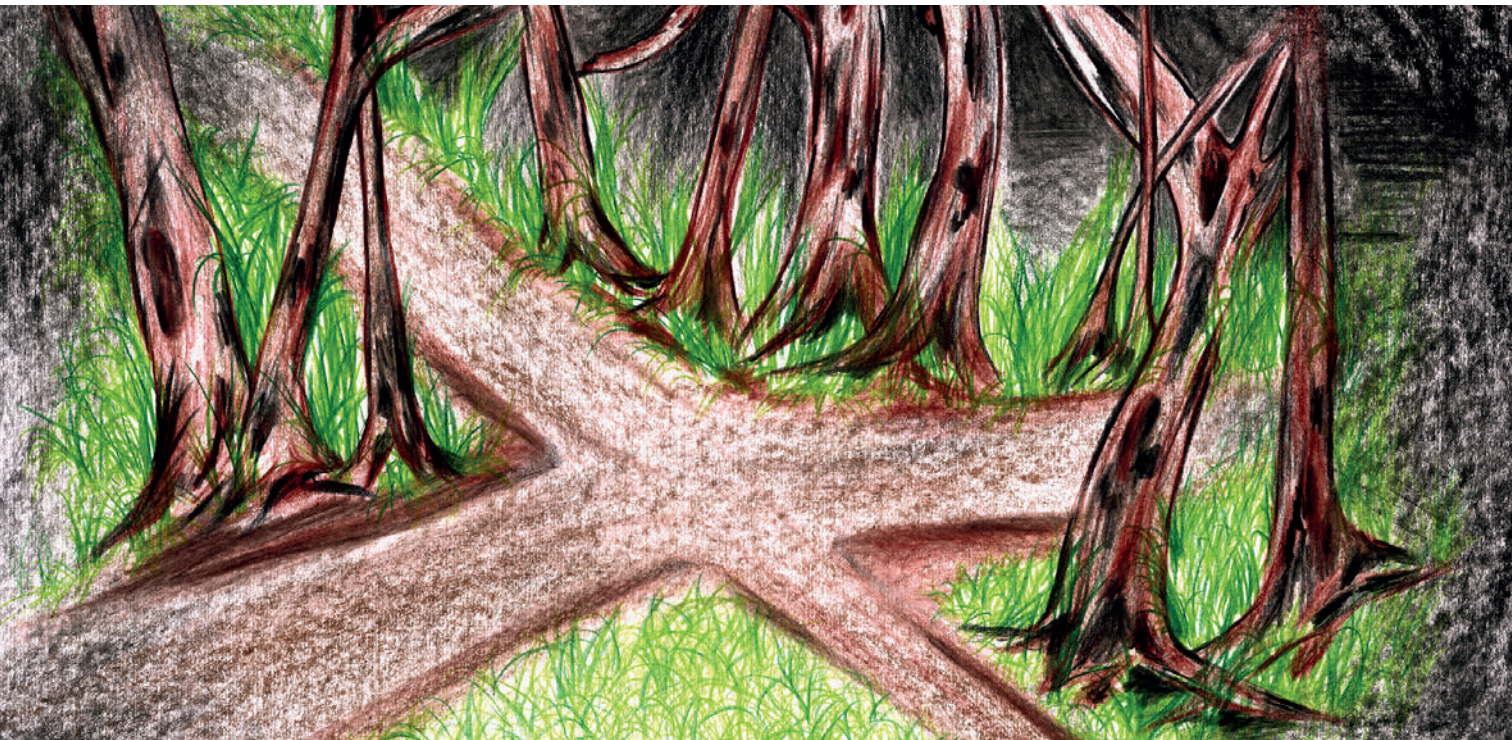
Fomento

Este livro recebeu Recursos da Lei Aldir Blanc N°. 14.017/2020, por meio do Edital N° 83/2020/ SEJUCEL-CODEC: 1º Edição Alejandro Bedotti do Edital de Chamamento Público de Fomento à Cultura para Pesquisa e Desenvolvimento de Expressões Culturais, Eixo II - Pesquisas Artísticas Literárias sobre o Estado de Rondônia ou Amazônia.



Onde encontrar?

Apresentação.....	06
A Mãe da Seringueira das costas sangrando.....	07
Graci, a onça e os cachorros.....	21
Glossário.....	31
Sobre os autores.....	32
Quem nos contou essas histórias?	34



Apresentação

Este livro foi concebido com a finalidade de divulgar, preservar e fortalecer as identidades amazônicas. Utilizando-se da reconstituição da memória, fez-se o registro de relatos orais, que evidenciam marcas do *ethos* amazônico, para iniciar crianças e jovens na literatura de expressão amazônica.

As narrativas que compõem este livro são centradas nas vivências e experiências dos sujeitos amazônicos com as florestas e os rios e, conseqüentemente, com o imaginário poetizante desta região, o qual tem o poder de tocar a alma do leitor que poderá se reconhecer nas narrativas e nas ilustrações.


As narrativas representam o contato dos sujeitos ribeirinhos com os seringais amazônicos, espaços que são, fortemente, marcados pela relação entre o humano e o não humano, entre o natural e o sobrenatural.

Portanto, esta obra representa o imaginário coletivo dos sujeitos amazônicos, evitando que o sepulcral silenciamento do “*Brasil oficial*” enterre estas poéticas vozes dissonantes do “*Brasil real*”.

No final, caro (a) leitor (a), você encontrará, ainda, um glossário.

A Mãe da Seringueira das costas sangrando



An illustration in a sketchy, textured style. On the left, a man with dark curly hair, wearing a green short-sleeved shirt and orange trousers, stands and looks towards the right. On the right, a woman with dark curly hair, wearing a blue short-sleeved shirt and orange shorts, sits on the ground, looking back at the man. Between them is a dark, rounded object, possibly a basket or a pot. The background is a textured, light-colored wall or rock face. To the left, there are green plants, including a palm tree. To the right, a large, thick tree trunk is visible. The overall style is reminiscent of a children's book illustration.

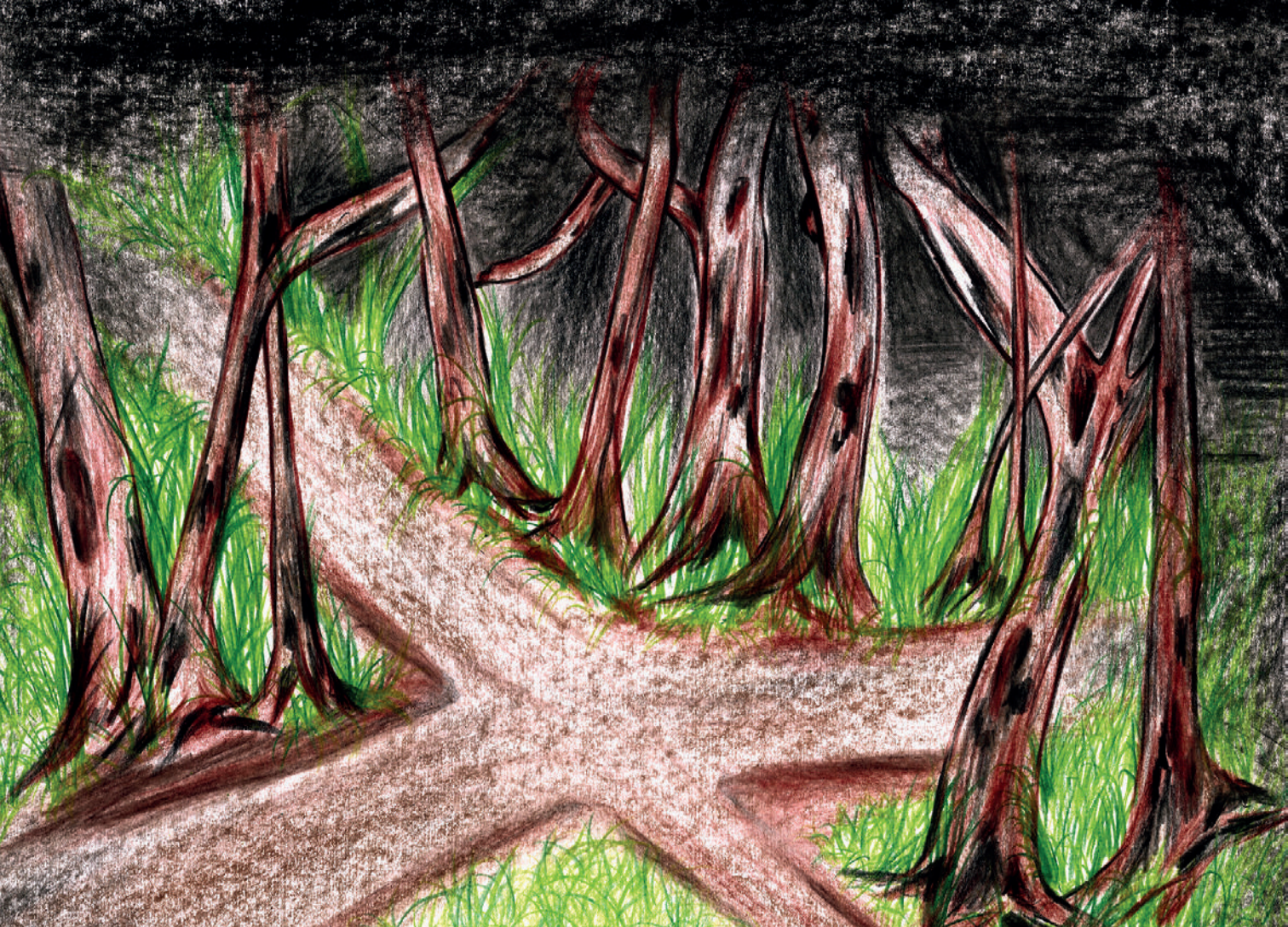
Teve um rapaz que contou pra mim, naquele tempo eu tinha meus 12 anos, que tentou fazer negócio com a Mãe da Seringueira para conseguir muito leite.

A person with dark curly hair, wearing a blue tunic with orange trim, sits on a log under a large tree. The tree trunk is thick and textured with green moss. To the right, a wooden bucket with a handle sits on the ground. The background is a light, textured wall. A white text box is overlaid on the wall.

Aí eu perguntei: - Como foi que tu fez?



Ele falou: - Olha, eu prometi a ela um encontro à meia-noite.



- E onde foi esse encontro? - eu insisti.
- No rumo da minha estrada, na encruzilhada. - disse ele.

Eu disse:

- E aí, tu foi?
- Fui! - ele confirmou.
- E aí? - eu insisti apreensiva.





- Deu um vento tão forte e essa mulher apareceu. - ele me falou assustado com se revivesse aquele momento.



A mulher tinha um cabelo todo arriado pra frente, vestia uma bata de cor branca, e estava descalça. E ele era um rapaz novo ainda, esse rapaz que me relatou essa história.




Nesse momento, a Mãe da seringueira falou para ele:
- Faça um cigarro pra mim!



Ele disse que sentiu gelar o corpo dele todinho e a voz não saia.

Então pensou: "Meu Deus, mas eu pedi pra essa mulher vir, ela é a Mãe da Seringueira. O que eu peço a ela?"



Ele fez o cigarro, e ela, por debaixo do cabelo, recebeu dele, já aceso. Depois disso esse rapaz ficou doido, até hoje ele é meio doido. Eu acho que ele se assustou tanto, pelo que ele tinha feito, que ele ficou assim, doente.



Aí ela recebeu o cigarro e ordenou:

- Faça seu pedido!

Ele não fez, não teve coragem. A voz não saía.

A mulher foi embora!

Ele contou que estava com a poronga na cabeça. Antigamente, a gente cortava com a poronga na cabeça, eu cansei de cortar, era pra você enxergar o traço da seringueira.



Então quando ela virou as costas pra seguir o caminho, ele viu as costas dela, os rasgos que tinha. Iguais aos cortes feitos nas seringueiras.



Então, por esse motivo,
ele viu aquela coisa toda
e se assustou.

Até hoje ele é meio
'coisado'.





Graci, a onça e os cachorros



Durante minha vida, só teve de me atacar uma onça. Eu não sei se aquele animal ele tava disposto a querer me comer, me matar, sei lá. Eu andava com três cachorros bons. E na hora que ela partiu pra cima de mim, os cachorros enfrentaram, mas ela não queria nem saber de cachorro, ela queria era eu mesmo, nós saímos na porrada, eu mais essa onça.



Eu estava na beira de um bamburral, onde eu me sentava e comia de manhã. Terminava de comer, eu ia colher o leite da seringa. Nunca tinha visto onça ali.

Quando foi nesse dia, terminei de comer e disse: - Eu vou já colher! Arrumei a saca num paneiro, peguei o balde e comecei a colher a seringueira.



Até que eu ouvi os cachorros latindo e fui olhando pra trás...
Quando eu olhei, não deu mais tempo!
Ela vinha palmo dentro, ela não ligou para os cachorros.
Partiu de lá foi pra pular em cima de mim.
Aí nós saímos a pontapé dentro daquele cerradão.

Quando ela pulou para me amassar, eu pulei para trás, mas meu calcanhar foi direto no pau que eu me sentava para almoçar.



Rapaz, eu não sei que ligeireza ela fez com as patas, mas ela ainda me pegou por aqui, bem no meu pé.

Aí eu só senti o choque!





Parece que os cachorros disseram assim: "Rapaz, vamos agir, que o negócio com o nosso parceiro está feio."



Aí tinha um botafoguense, que eu botei o nome dele de Botafogo porque ele era preto e branco.
Colega, ele voou na cara dessa onça.
Ela deu uma tapa na cara dele.



Enquanto ela lutava com os cachorros, eu saí me arrastando. Deu tempo de pegar a espingarda, aí quando eu peguei a espingarda, apoiei na árvore e pensei: Bom, agora você pode vir! Aí eu atirei nela. Pá! Ela caiu.



Então eu saí de lá, Colega, carregando o cachorro no meu ombro, nós *todo* enlameado de sangue. Nem juntei as tralhas, não aguentei mais nada.



O meu patrão mandou dois fregueses dele irem atrás dela, lá.
Eles acharam a onça.
Eu fiquei mais uns três meses naquela colocação e fui embora.

GLOSSÁRIO

Arriado: sinônimo de abaixado.

A pontapé: utilizado como sinônimo de briga.

Bamburral: é uma área da floresta que fica localizada, no geral, à beira de rios ou lagos.

Balde: é o utensílio utilizado pelos seringueiros para armazenar o leite extraído das seringueiras.

Cerradão: é uma área da floresta muito fechada, com árvores altas e diversificadas.

Coisado: ficou com problemas mentais.

Colocação: assim era chamado o local onde moravam os seringueiros.

Eu vou já colher: coletar as tigelas com látex da seringueira.

Fregueses: são os funcionários do dono do seringal, que trabalham no barracão.

Minha estrada: os seringueiros abrem estradas na mata para colher o leite da seringueira, portanto, é utilizado como sinônimo de local de trabalho.

Paneiro: cesto feito de talas de algumas plantas ou cipó. É utilizado para o transporte de ferramentas, alimentos ou matéria-prima.

Palmo dentro: utilizado como sinônimo de bem próximo, perto.

Patrão: os antigos proprietários de seringais eram chamados de patrão.

Poronga: é uma luminária que os seringueiros utilizam na cabeça para iluminar as estradas e as seringueiras.

Tralhas: a totalidade dos instrumentos utilizados para a execução de um serviço qualquer, neste caso, da extração do látex.

Traço de seringueira: são as marcas deixadas na seringueira pelo trabalho de extração do leite.

Sobre os autores

Eva da Silva Alves – Filha de Rondônia, criada nos seringais de Guajará-Mirim sob os resquícios do esplendor da seringueira. É doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) e Faculdade Católica de Rondônia (FCR). Esta filha de seringueira pesquisa, divulga e engrandece as culturalidades amazônicas que formaram sua identidade.

Renato Fernandes Caetano – Nasceu em Sete Quedas-MS, mas reside em Rondônia desde os 6 anos de idade. É doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Amante das artes, da cultura ribeirinha e da Amazônia de modo geral. Desenvolve pesquisas focadas nos embates relacionados às identidades, aos conflitos socioambientais e às culturalidades rondonienses.

José Maiko Farias Amim – Acriano da gema, formado em Filosofia pela Faculdade Católica de Rondônia (FCR). Amante de uma boa literatura, apaixonado pela Amazônia em todas as suas manifestações e ‘militante’ pela valorização e divulgação das identidades do Ser amazônico.

Auxiliadora dos Santos Pinto – Nascida na 1ª linha da Colônia Agrícola do IATA, às margens da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, em Guajará-Mirim. É doutora em Literaturas de Língua Portuguesa, pelo IBILCE/UNESP, no campus de São José do Rio Preto/SP. Tem como objeto de estudo a Literatura de Expressão Regional Amazônica, com foco na história, na linguagem, na cultura, nas migrações/imigrações e nas identidades.

Sobre os autores

Desenho/Ilustração

Bruno A. Cruz – Nascido em Rondônia, é poeta parnasiano, pintor, ilustrador e pesquisador das manifestações socioculturais de nossa encantada região amazônica. Formado em Filosofia pela Faculdade Católica de Rondônia (FCR), é um apaixonado por poesia pela poesia, pela pintura como representação e como fuga de um mundo dominado por uma vontade cega e anárquica, nos moldes das filosofias de Schopenhauer e Nietzsche.

Quem nos contou essas histórias?

Ivani Amutari

Nascida em 1960 no Rio São Miguel, na colocação Castanheira, próximo ao município de Costa Marques-RO. Desde muito cedo aprendeu a cortar seringa, aos 7 anos de idade já ia para a estrada de seringa com os irmãos mais velhos para ajudar no sustendo da família – depois da morte do pai. Não teve a oportunidade de frequentar a escola na infância, somente depois de adulta cursou os primeiros anos das séries iniciais. Mudou-se com a família de um seringal para outro até chegar à Reserva Extrativista Rio Ouro Preto na década de 1980, onde fixou moradia, dedicando-se à extração da castanha, do óleo da copaíba, do leite da seringa, e, ainda, ao processo de produção da farinha. Dos laços do trabalho pesado nos seringais, ela nutriu um afeto irrestrito e sincero pela natureza, pelos animais, pelo laborar a terra, construindo uma identidade que encontra nas matas e nos rios sua principal razão de ser.

Raimundo Rodrigues dos Passos – Sr. Graci

In memoriam. Foi seringueiro no Amazonas por 30 anos, mas na década de 80 mudou-se para a Comunidade de São Carlos, município de Porto Velho-RO, onde viveu até 2020 – ano em que faleceu. Nessa região iniciou-se na pesca, tirando seu sustento dos rios e lagos do Baixo Madeira. Gostava de viver e pescar sozinho, nutrindo um íntimo contato com a natureza, ouvindo o doce cantar dos pássaros e respirando o ar puro e perfumado das florestas. Em vida, todas as experiências armazenadas fizeram do Sr. Graci um autêntico e apaixonado contador de histórias, que, apesar da vivência solitária, não abria mão de um contato amigo com todos aqueles que lhe procuravam para saborear com curiosidade as narrativas de suas aventuras e experiências nas matas e nos rios.



“Se eu passar um ano trabalhando dentro de uma mata dessa eu gozo de saúde, tô lhe falando, eu gozo de saúde, por causa de quê? Porque eu como meu peixe, eu vou pescar o meu peixe aqui, eu tiro ele d’água, eu como ele com aquele sabor todinho; eu gosto de me levantar sentido aquele ar do clima da mata; eu gosto de levantar e ver o dia amanhecendo, aquela alegria dos passarinhos, dos pássaros cantando; por isso que eu me dou bem na mata, eu sinto meu corpo tranquilo, saudável, na mata.”

Raimundo Rodrigues dos Passos – Sr. Graci, *In Memoriam*. Era pescador e morador da Comunidade Ribeirinha de São Carlos – Baixo Madeira.

“Eu tenho uma paixão, paixão muito grande, pela natureza, eu amo demais a natureza, pelo peixe, pelo rio, pelo jeito de viver até hoje na reserva. Aquele prazer de viver, porque eu amo meu lugar de verdade, e quando você ama aquela coisa, aquilo é uma relíquia sua, que se você puder zelar, viver só pra zelar aquele setor, você fica. O que me dá mais prazer é quando estou na minha colocação, zelando, capinando, fazendo uma horta, me traz muita alegria, satisfação de viver aqui, porque eu amo demais. Eu tenho uma seringueira que amo e vejo que ela corresponde o meu carinho e meu amor por ela.”

Ivani Amurati. Extrativista na RESEX Rio Ouro Preto – Guajará-Mirim–RO.